

[*dentadura perfeita, ouve-me bem*]

dentadura perfeita, ouve-me bem:
não chegarás a lugar algum.
são tomates e cebolas que nos sustentam,
e ervilhas e cenouras, dentadura perfeita.
ah, sim, shakespeare é muito bom,
mas e beterrabas, chicória e agrião?
e arroz, couve e feijão?
dentinhas lindos, o boi que comes
ontem pastava no campo. e te queixaste
que a carne estava dura demais.
dura demais é a vida, dentadura perfeita.
mas come, come tudo que puderes,
e esquece este papo,
e me enfia os talheres.

[*entro na livraria do bobo*]

entro na livraria do bobo.
não tenho dinheiro
e tampouco tenho talento para o crime.

desfilam ante meus olhos
títulos maravilhosos
moribundos de tanto estar
nas prateleiras.

roube-nos, dizem eles.
não agüentamos mais ficar aqui
na livraria do bobo.

quem acreditaria
nesta versão dos fatos?
ajudem-me, maragatos
nesta hora afanérrima
de uma libertadora paupérrima
de livros.

retumba meu coração. retumba
mais que a bateria do salgueiro.
treme o corpo por inteiro
e as mãos já suam em bicas.

ganho a rua, as mãos vazias
e os livros gritam: maricas.

Original poems from *Rilke shake* by Angélica Freitas

autofocus

o remordimento é algo
muito difícil
você me disse
mordendo
o próprio rabo

eu te compreendi
enquanto você dava voltas
e baixei o volume do rádio

era um scherzo
um sei lá
um allegro andante
não era boa
trilha sonora

enquanto me ocupava
dessas tralhas
você já tinha se engolido
pela metade

o remordi é al
mui di

eu chamei a ambulância

fliperama às margens do tãmissa
jogo basquete indoors com minhas irmãs

no primeiro arremesso
— não meço bem a distância
entre a mão e a cesta —
a bola some atrás do aparelho

minhas irmãs gargalham
eu também

a bola sumiu atrás do aparelho

e então é a vez delas
e elas jogam e acertam e jogam de novo
e da máquina sai uma tripa de bônus

que depois trocamos por balas
ou um brinquedinho —
não lembro

ai que bom seria ter um bigodinho
além das lentes dos óculos ficar
escondida por trás de uma taturana
capilar

um bigodinho para poder estar

um bigodinho para sair à rua e ver
o mundo mas se esconder

um bigodinho para poder ser

um apêndice nasobucal
buconasal

tipo um chapéu

ninguém te incomoda nos cafés
(a beleza está nos olhos
de quem não pode crer)

e no fim do dia ainda ouvir
obrigada senhor
ao entrar por último no elevador.

Original poems from *Rilke shake* by Angélica Freitas

february mon amour

janeiro não disse a que veio
mas fevereiro bateu na porta
e prometeu altas coisas
'como o carnaval', ele disse.
(fevereiro é baixinho,
tem 1,60 m e usa costeletas
faria melhor propaganda
do festival de glastonbury.)
pisquei ligeira nas almofadas:
'nem tô, fevereiro
abandonei o calendário'.
'você é um saco', ele disse
e foi cheirar no banheiro.

agosto a oitava coelhinha da playboy

ou o templo dourado de kinkakuji

ou um gato e um pato num cesto

meu avô não gostava de agosto

dizia agosto mês de desgosto

quando passava dizia agora não morro mais

o que passou pela cabeça do violinista
em que a morte acentuou a palidez ao
despenhar-se com sua cabeleira negra &
seu stradiváriu no grande desastre
aéreo de ontem

dó
ré
mi
eu penso em béla bartók
eu penso em rita lee
eu penso no stradiváriu
e nos vários empregos
que tive
pra chegar aqui
e agora a turbina falha
e agora a cabine se parte em duas
e agora as tralhas todas caem dos compartimentos
e eu despenco junto
lindo e pálido minha cabeleira negra
meu violino contra o peito
o sujeito ali da frente reza
eu só penso

Original poems from *Rilke shake* by Angélica Freitas

dó

ré

mi

eu penso em stravinski

e nas barbas do klaus kinski

e no nariz do karabtchevsky

e num poema do joseph brodsky

que uma vez eu li

senhoras intactas, afrouxem os cintos

que o chão é lindo & já vem vindo

one

two

three

poema pós-operatório

ex

em latim

fora de

daí algumas criaturas

parecem ter sido

desentranhadas

de você

você passa na rua

e as reconhece

ei, ali vai minha

oitava costela!

era minha!

e aponta pra lacuna

no lado esquerdo

(cabe uma gaita

de boca)

olha só!

vida aérea

o quanto você quer, me diga, com frio na barriga,
proclamar norte onde seu nariz aponte, se livrar do
que não interessa, com força, abrir a cabeça, meter pés
pelas mãos, com pressa, não importa, sentar no escombro
ombro a ombro com a obra, me diga me diga, com frio
na barriga, quanto tempo perdido, quantos reais no bolso,
quantos livros não lidos, quantos minutos de espera,
quantos dentes cariados, me diga o quanto você quer isso tudo
e para onde quer que envie, se você quer que embrulhe

[*aos onze anos*]

aos onze anos
atrás da casa da minha avó
na colônia de pescadores z-3
eu fumava um cigarro gol comprado
avulso num boteco
onde a moça conhecia a minha mãe
a moça me olhou atravessado
mas me deu o cigarro mesmo assim
e lá onde tinha uma horta
eu minha irmã e uma prima
demos nossas primeiras bfaoradas
foi bem ruim
o medo deu uma estragada
no gol de cinco centavos
que alguém jogou fora
ao ouvir uma tia um cachorro ou
o vento nos pés de couve

a mina de ouro de minha mãe & de minha tia

se chamava

ilha da feitoria

ou ilha do meio

onde as duas vendiam

cosméticos avon

chegavam de bote

motorizado

com fardos de produtos

batons rímeis perfumes

e sobretudo rouges

eram recebidas

pelas donas de casa

cabeludas

bigodudas

panos de prato no ombro

filhos ranhentos no colo

minha mãe & minha tia procediam

ao embelezamento das nativas

devolviam-lhes cores

às faces

todo o espectro de cores

de um céu de fim de tarde

na lagoa dos patos

azuis e roxos e laranjas e rosas

a depois lhes emprestavam

espelhos

as donas de casa da ilha do meio

compravam muita maquiagem

Original poems from *Rilke shake* by Angélica Freitas

minha mãe & minha tia
enchiam sacos de dinheiro

na banheira com gertrude stein

gertrude stein tem um bundão chega pra lá gertude
stein e quando ela chega pra lá faz um barulhão como
se alguém passasse um pano molhado na vidraça
enorme de um edificio público

gertrude stein daqui pra cá é você o paninho de lavar
atrás da orelha é todo seu daqui pra cá sou eu o patinho
de borracha é meu e assim ficamos satisfeitas

mas gertrude stein é cabotina acha graça em soltar pum
debaixo d'água eu hein gertrude stein? não é possível
que alguém goste tanto de fazer bolha

e aí como a banheira é dela ela puxa a rolha e me rouba
a toalha

e sai correndo pelada a bunda enorme descendo a
escada e ganhando as ruas de st.-germain-des-prés

a mulher dos outros

fiquei muito tempo naquela banheira sem água
pensando por que gertrude me havia deixado

as unhas roxas os dedos enrugados naquele banheiro
sem aquecimento num apartamento perto do jardim du
luxembourg

sem amor e sem toalha

ela tem alice e basket eu sou a terceira excluída

noutros tempos rilke me chamaria pro jardim des
plantes

hoje eu digo adeus e vou pra gare du nord

lou andreas me espera em göttingen plantaremos beijos
na gänseliesel

alice babette, primeiro movimento

no hotel a surpresa uma carta de alice

que sabia e suportava assando imensos vol-au-vent

o papel era uma seda muito fina uma lâmina

não exalava nem colônia nem canard

fui abrindo o envelope o papel era uma seda

na mesinha um envelope e era a letra de alice

ombro/épaule

planos sempre são muitos com a mulher dos outros

mas dois coelhos matam de cajadada só

djuna disse melhor não apostar em quem

só vai acordar ao seu lado by chance

e me pagou um conhaque e me deixou no portão

jogo sujo, allegro andante

às cinco em ponto fui correndo pro jardim du luxembourg

num pé só porque a bota me apertava

chegando lá 'idiota' alguém gritou

era alice com uma lata de conservas

estava escuro eu caíra na emboscada

rolava aos socos com alice sobre a relva

até que a outra resolveu mostrar a cara

era a baker em sua saia de bananas

epílogo

gertrude stein cabelo dos césaes
alice olhos negros de gipsy
josephine baker djuna barnes
nós cinco na sala de espelhos
eu era alice e djuna era josephine
gertrude stein era gertrude stein era gertrude stein
na saída gertrude me puxou pelo braço
e me disse muito zangada: não achei graça
no que você publicou nos jornais
me derrubaria como um tanque da wehrmacht
não fosse por ezra que passeava ali seu bel esprit
lésbicas são um desperdício ele disse
você já ouviu falar em mussolini?

não consigo ler *os cantos*

vamos nos livrar de ezra pound?

vamos imaginar ezra pound

insano numa jaula em pisa enquanto

les américains comiam salsichas

e peanut butter nas barracas

dear ezra, who knows what cadence is?

vamos no livrar de mariane moore?

rilke shake

salta um rilke shake
com amor & ovomaltine
quando passo a noite insone
e não há nada que ilumine
eu peço um rilke shake
e como um toasted blake
sunny side para cima
quando estou triste
& sozinha enquanto
o amor não cega
bebo um rilke shake
e roço um toasted blake
na epiderme da manteiga

nada bate um rilke shake
no quesito anti-heartache
nada supera a batida
de um rilke com sorvete
por mais que você se deite
se deleite e se divirta
tem noites que a lua é fraca
as estrelas somem no piche
e aí quando não há cigarro
não há cerveja que preste
eu peço um rilke shake
engulo um toasted blake
e danço que nem dervixe

Original poems from *Rilke shake* by Angélica Freitas

[*não adianta*]

não adianta
chegar na porta
e ordenar
abra
öffnen
open
é preciso
girar a chave

e mais
é preciso saber
qual chave

ou então
esbarrar na dureza
de certos materiais

mogno pinho
cedro ou lâmina
de qualquer madeira

conhecer a chave
ou intuir para que
lado gira

tantos tem
tão pouca paciência

Original poems from *Rilke shake* by Angélica Freitas

o que é um baibai?

baibai es un adiós.
un farewell sin pañuelos.
tem gente que escreve haikai,
três linhas à bashô.
baibais também seguem modelos.

quem escreve baibais sabe que acabou
-se o que era doce.

∫
espancado na infância molha os pés no orinoco
embaixo d'água como soa a ocarina?

brbrlllbrrr brbrlllbrrr

∫
esnobada na festa molha os pés no rio das antas
debaixo d'água como faz seu coração?

'sai da chuva' 'já para casa'

∫
sufragette sem rouge molha os pés no rio clyde
debaixo d'água como faz o seu cabelo?
esquerda.... direita.... esquerda.... direita....

∫
feia nas fotografias molha os pés no rio reno
debaixo d'água como faz seu celular?
'depois do bipe lorelei depois do bipe'

versus eu

lá embaixo um samba que não me chama
pois não conhece o meu nome

estatuto do desmallarmento

minha senhora, tem um mallarmé em casa?
voce sabe quantas pessoas morrem por ano
em acidentes com o mallarmé?

estamos organizando uma consulta popular
para banir de vez o mallarmé dos nossos lares
as seleções do reader's digest fornecerão

contêineres onde embarcaremos os exemplars,
no porto de santos, de volta pra França.
seja patriota, entregue seu mallarmé. olê.

fim

keats quando estava deprimido
se sentindo mais pateta que poeta
vestia uma camisa limpa
eu tomei um banho
com os dedos ajeitei os cabelos
vesti roupas limpas
olhei praquele espelho
o suficiente pra
sem relógio caro
fazer pose de lota
e sem pistola automática
pose de anjo do Charlie
então eu disse: “é, gata”
rápida peguei as chaves
saí num pulo
só fui rir no elevador.